

O povo está no plenário

ALEXANDRE GARCIA

28 SET 1993

JORNAL DE BRASÍLIA

O povo está representado no plenário do Congresso ou da Câmara Federal, não nas galerias. Trezentos pessoas enchendo as galerias representam 1% dos eleitores necessários para eleger um dos 503 deputados. Portanto, é antidemocrático uma microminoria tentar, pela baderna nas galerias, atrapalhar o trabalho dos que representam a maioria de todas as classes sociais que formam o povo brasileiro. Isso precisa ser lembrado agora, às vésperas de ser iniciada a revisão constitucional, porque na semana passada houve bagunça nas galerias. Em nenhum país democrático do mundo se permite manifestação do público durante as deliberações dos representantes eleitos pelo povo.

Também ficou muito estranho que representantes de uma associação de profissionais - no caso os advogados - tenham entrado no plenário dos representantes do povo para tirar satisfações do presidente do Congresso Nacional. Representantes de profissões querendo dar palpite em plenário lembra o corporativismo fascista. Por que razão o representante dos advogados teria o direito de se intrometer em questões do Congresso dos representantes eleitos pelo povo, não apenas pelos advogados?

A Câmara dos Deputados é um fiel retrato do povo brasileiro. Lá estão, eleitos diretamente pelo povo, representantes de profissões, de classes, de religiões, de ideologias... agrupados em partidos políticos. Eles gozam de imunidades justamente para se defenderem da intromissão externa. Se errarem, pagam com a não-reeleição. Mas não podem aceitar intromissão, nas ga-

lerias ou no próprio plenário. Num total de 503 seres humanos, existe gente de todos os tipos. Representam todas as psiquês, todos os caracteres, todas as personalidades. Existem ex-policiais, como o que empurrou o deputado secretário do Congresso, e o que rasgou o projeto de resolução, na última quarta-feira; existem ex-jornalistas, médicos, engenheiros, agricultores - um dos que estavam com os adolescentes que gritavam nas galerias é um ex-vigilante. Eles podem ser bons ou maus, honestos ou desonestos. Mas, certamente, não existem, lá dentro, 300 picaretas, e os bons estão bem acima do número de justos que salvaria Sodoma do extermínio bíblico.

A maior parte deles está, como o povo que a Câmara representa, envergonhada com a baderna de quinta-feira. É bom lembrar que o presidente da Câmara não deveria ter falado em "tumultuar o processo" caso não prevalecesse o acordo que deu a relatoria da revisão à Câmara e ao PFL; é bem verdade que o presidente do Congresso perdeu o controle da situação naquele dia. Mas nada disso justifica o que a Nação, envergonhada, assistiu. Os ultraconservadores não querem corrigir os erros da Constituição, mantendo os monopólios estatais e as vantagens corporativas. Mas eles sabem que o povo não agüenta mais pagar por esta situação. E sabem que a maioria dos representantes do povo já reflete isso. E ressuscita o "na lei ou na mara", que não acabou bem.

■ Alexandre Garcia é jornalista